

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Guilherme Dallabrida Matzenbacher

**ANÁLISE DO PROCESSO PEDAGÓGICO DO TREINAMENTO APLICADO A UMA
EQUIPE DE FUTEBOL DE BASE E SUA RELAÇÃO COM PARTIDAS OFICIAIS**

Porto Alegre

2021

Guilherme Dallabrida Matzenbacher

**ANÁLISE DO PROCESSO PEDAGÓGICO DO TREINAMENTO APLICADO A UMA
EQUIPE DE FUTEBOL DE BASE E SUA RELAÇÃO COM PARTIDAS OFICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso com o objetivo de título de Licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Thiago José Leonardi

**Porto Alegre
2021**

Guilherme Dallabrida Matzenbacher

**ANÁLISE DO PROCESSO PEDAGÓGICO DO TREINAMENTO APLICADO A UMA
EQUIPE DE FUTEBOL DE BASE E SUA RELAÇÃO COM PARTIDAS OFICIAIS**

Conceito Final:

Aprovado em de de

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Guy Ginciene

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Prof. Dr. Thiago José Leonardi

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as variáveis pedagógicas desenvolvidas em treinamentos e identificar se as mesmas são verificadas em partidas oficiais de uma equipe sub 14 de futebol de um clube tradicional do Rio Grande do Sul. O procedimento de análise do processo pedagógico dos treinamentos baseou-se através do *Sistema Integral para el Análisis de las Tareas de Entrenamiento* (SIATE) adaptado para o futebol, e para os jogos utilizou-se um modelo de *Scout* para a identificação da eficácia das variáveis desenvolvidas. Os dados coletados foram fundamentados com base em 36 sessões de treinamento, aproximadamente 3 meses, além dos 8 jogos realizados no mesmo período. O processo de aprendizagem caracterizou-se a partir dos momentos do jogo, dentre eles, a organização ofensiva e defensiva, as transições ataque-defesa e defesa-ataque e as bolas paradas. Os resultados encontrados mostram que as variáveis mais desenvolvidas e treinadas durante o período repercutiram, especialmente, em duas fases do jogo, a ofensiva e a defensiva. Sendo assim, o processo pedagógico elaborado por meio de conteúdos e variáveis pré-estabelecidas pelos membros da comissão técnica, identificaram a eficácia de seus treinamentos, no instante em que refletiram sobre as ações das partidas de futebol.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Conteúdo tático no futebol	9
Quadro 1: Adaptação do SIATE	14
Gráfico 1: Resultados das finalizações	25
Gráfico 2: Gols marcados	26
Gráfico 3: Resultados das finalizações sofridas	27
Gráfico 4: Gols sofridos	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Frequência das variáveis pedagógicas, situações de jogo	18
Tabela 2: Frequência das variáveis pedagógicas, fases do jogo	19
Tabela 3: Frequência das variáveis pedagógicas, tipo de conteúdo	20
Tabela 4: Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte física)	21
Tabela 5: Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte tática de organização ofensiva)	22
Tabela 6: Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte tática de organização defensiva)	23
Tabela 7: Frequência das variáveis pedagógicas, bolas paradas	23
Tabela 8: Frequência das variáveis pedagógicas, treino analítico	24

APRESENTAÇÃO

Os profissionais que atuam na área do futebol, principalmente na formação de crianças e jovens, se deparam com uma incógnita: o treinamento proposto pelas comissões está contribuindo na sua grande parte para o desenvolvimento dos aspectos físicos, táticos e técnicos dos atletas? Diante disso, um dos procedimentos que contribuem para esse processo são as análises realizadas através das partidas oficiais realizadas pela equipe, nas quais cada atleta vivenciará todos esses aspectos. Por conta desse motivo, nesse estudo compartilho a minha experiência de estágio não-obrigatório desenvolvido em uma instituição esportiva voltada para o futebol. Essa oportunidade colaborou para a minha formação profissional, ao vivenciar e intervir na realidade da profissão de auxiliar técnico de uma categoria de base. Ao abordarmos duas vertentes, a do processo pedagógico do treinamento e a observação dos jogos de uma mesma equipe, possibilita-se a construção de uma base metodológica para o desenvolvimento assertivo na formação da prática esportiva. Esse processo permite que o educador consiga intervir de forma específica e objetiva a partir de sua atuação profissional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	13
2.1 Caracterização do estudo	13
2.2 Amostra	13
2.3 Instrumento e procedimento de coleta de dados	13
2.4 Explicitações das variáveis	14
2.5 Análise dos dados	15
3 RESULTADOS	18
4 DISCUSSÃO	30
5 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A partir de sua difusão e com o passar dos anos, o futebol se tornou um dos esportes mais praticados no mundo, com uma crescente adesão de praticantes e de espectadores (GARGANTA *et al.*, 2013). Atualmente, devido à massificação do futebol, é considerado um esporte de grande impacto, e que por consequência desperta muito interesse, seja a nível esportivo, social ou financeiro (SILVA, 2007). No Brasil é uma das principais fontes de identidade cultural do país, tratando-se de uma paixão nacional, a qual influencia crianças, jovens e adultos na sua prática (FREIRE, 1998).

Essa modalidade caracteriza-se por ser um jogo esportivo coletivo (JEC), no qual sua dinâmica resulta da competição entre duas equipes, com objetivo de manter a posse da bola, para que a mesma seja introduzida o maior número de vezes no gol adversário, e evidentemente, impedir que ocorra o mesmo na sua própria goleira (CASTELO, 2009). Por tratar-se de um JEC, o futebol é caracterizado por “um sistema de ações complexas que unem funções e elementos simples de diversas formas” (GRECO, 1995, p.16), portanto, requer eficiência nas áreas física, técnica, tática, cognitiva e motora do participante. Tais aspectos do contexto de jogo apresentam elevado grau de imprevisibilidade, aleatoriedade e variabilidade, devido às funções táticas exigidas e as sucessivas alterações nas movimentações dos jogadores em virtude da posse ou não da bola, e conseqüentemente, da velocidade em que essas ações são executadas pelas equipes (GARGANTA, 1997).

Segundo Praça e Greco (2020), o jogo de futebol divide-se em quatro momentos: organização ofensiva e defensiva e transições ataque-defesa e defesa-ataque. A fim de criar uma dinâmica do entendimento da lógica do jogo, os autores fragmentam os conteúdos táticos do futebol em diferentes níveis, conforme a figura 1.

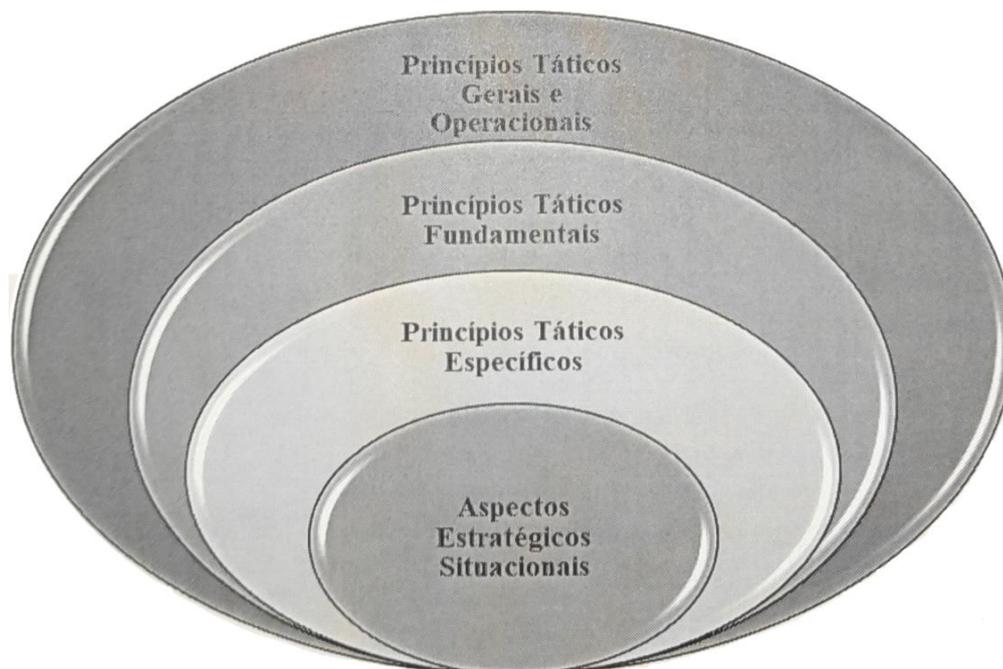


Figura 1 – Conteúdo tático no futebol. Fonte: Retirado de Praça e Greco (2020, p. 53).

Os princípios táticos gerais que norteiam os JEC, e por consequência, o futebol estabelecem os conceitos de criar superioridade numérica, evitar igualdade numérica e impedir inferioridade numérica (TEOLDO *et al.*, 2009). Já os princípios operacionais definidos por Bayer (1994) baseiam-se na fase defensiva em recuperar a posse da bola, em impedir a progressão dos jogadores adversários e da bola para a própria baliza e a proteção da baliza. Já na fase de ataque os princípios são a conservação da posse da bola, a progressão dos jogadores e da bola para a baliza adversária e o ataque à baliza adversária – marcação de um ponto, ou no caso do futebol, o gol.

No conjunto do jogo de futebol, ainda encontramos os princípios táticos fundamentais desenvolvidos por Teoldo *et al.* (2009) e embasados por Garganta e Pinto (1994). São características das fases de ataque: a penetração, a cobertura ofensiva, a mobilidade, a unidade ofensiva e o espaço com e sem a bola. Nas fases defensivas, a concentração, cobertura defensiva, equilíbrio defensivo e de recuperação, contenção e unidade defensiva determinam esses momentos do jogo. Por fim, os princípios táticos específicos permitem conhecer o jogar específico de cada equipe, isto é, definir o modelo de jogo adotado em cada situação (TAMARIT, 2007).

A nível esportivo, na preparação do jogar futebol, o desenvolvimento das capacidades físicas, técnicas, táticas e cognitivas ocorrem por meio de métodos que se aproximam da realidade do jogo, ou seja, que integram todas essas valências durante um mesmo período do treinamento (BARA FILHO *et al.*, 2011). Sendo assim, as relações produzidas no contexto do jogo envolvem a capacidade do atleta de gerir todas as mudanças e problemas ocorridos naquela determinada situação, ou seja, utilizando de uma inteligência corporal e de ato, para promover a exercitação, a variabilidade e a adaptabilidade de comportamentos e atitudes nos diversos momentos do jogo (GARGANTA *et al.*, 2013).

De acordo com Carravetta (2017, p. 93) “a gestão dos treinamentos no futebol leva em conta os diferentes momentos na formação do jogador, engloba o gerenciamento de métodos, conteúdos (exercícios), procedimentos e recursos para preparar o atleta”. Diante disso, o desenvolvimento da prática deve respeitar e estar de acordo com alguns critérios básicos, como a idade biológica e maturacional do atleta, o nível de experiência, os níveis de desenvolvimento das capacidades motoras (coordenativas, condicionais e mistas) e cognitivas (RAMOS, 2012).

O treinamento de crianças e jovens consiste em ser uma tarefa complexa e de extrema responsabilidade, que deve ser compreendida e desenvolvida em longo prazo (SANTOS *et al.*, 2016). Portanto, os treinadores devem formar, instruir e preparar os jovens na perspectiva da tríade: saber, saber fazer e saber estar (GARGANTA, 2006). Porém, tratando-se de categorias de base, existem algumas exigências, principalmente, por partes diretivas, em relação a resultados e títulos, o que influencia negativamente o processo de formação dos jovens atletas para que se desenvolvam e atinjam condições de atuar futuramente no futebol profissional (GUIMARÃES; PAOLI, 2011).

Considerando o treinamento esportivo como um processo objetivo, sistêmico e de longo prazo, as decisões tomadas pelas comissões técnicas devem ser assertivas, portanto, fundamentadas em informações relevantes, pois cada uma delas poderá afetar todo o processo. O elemento que é primordial para as tomadas de decisão, é o controle, que permite conhecer o estado atual dos atletas, fazer prognósticos de rendimento, corrigir programas de treinamento, entre outros (BORIN *et al.*, 2007). Na maioria das ocasiões, para o treinador obter informações sobre o

efeito das cargas nas sessões dos treinos táticos e técnicos, as observações e análises de jogo baseiam-se no estudo de filmagem via *Scout* ou vídeo computador (GARGANTA, 2001; TAVARES, 2006). E evidentemente, as cargas aplicadas nos treinamentos, precisam ser prescritas conforme um modelo metodológico de periodização de acordo com o nível dos jogadores (BOMPA, 2002).

Os processos de treinamento e partidas competitivas conseguem ser avaliadas à parte, conforme descrito anteriormente. Porém na literatura encontram-se poucas ferramentas que analisem as características de um jogo, a partir de todo o processo de treinamento, ou seja, o quanto os métodos de treino influenciam nas ações dessas partidas. Inclusive, Borin *et al.* (1999), constatam que os estudos relacionando performance esportiva com os aspectos organizacionais do treinamento são raros na literatura.

Perante a escassez de ferramentas válidas, em 2016 foi publicado um artigo científico, produzido por Ibañez, Feu e Canãdas, no qual foi desenvolvido o *Sistema Integral para el Análisis de las Tareas de Entrenamiento* (SIATE), em esportes de invasão. Este por sua vez, é um sistema metodológico que registra e posteriormente analisa os diferentes fatores que compõem o processo de treinamento esportivo em esportes coletivos. Como sistema de registro possui cinco características básicas como universalidade, padronização, modulabilidade, flexibilidade e adaptabilidade. Permitindo, assim, uma análise descritiva das variáveis, as suas relações e possíveis diferenças.

Ao decorrer dos anos, a análise de jogo tornou-se uma ferramenta considerada indispensável e fundamental no processo de preparação dos jogos esportivos coletivos (MOUTINHO, 1991). Portanto, devido ao avanço e desenvolvimento do futebol em termos de complexidade, as comissões técnicas devem potencializar e sistematizar a dinâmica funcional de suas equipes, com o intuito de estimular as relações entre jogadores, assim como a performance coletiva (DAVIDS; BUTTON; BENNETT, 2008). Em virtude dessas condições, a análise de jogo possibilita que os treinadores através de informações e dados, adequem suas opções de treinamento e adotem as estratégias de jogo que lhes propicie um melhor desempenho (CARLING; WILLIAMS; REILLY, 2005).

Este estudo utiliza modelo de *Scout*, que é um método numérico que processa dados sobre determinada equipe durante as partidas, como número de passes, chutes, faltas, desarmes, ou seja, extrai os principais elementos que envolvem uma partida de futebol (CUNHA *et al.*, 2001). Visando uma melhor compreensão, o *Scout* é um recurso fundamental que deve ser usufruído nas categorias de base, com o intuito de possibilitar uma melhora nas capacidades técnicas e táticas dos jogadores, identificando as qualidades e deficiências que possam emergir durante o processo formativo dos mesmos (MACEDO; LEITE, 2009). Assim, torna-se necessário que o técnico de futebol e sua comissão técnica utilize e aperfeiçoe seus conhecimentos em relação às novas ferramentas disponíveis no mercado, com o objetivo de melhorar sua intervenção, favorecendo o desempenho de seus jogadores e por consequência de sua equipe (SILVA, 2006).

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi de analisar as variáveis pedagógicas desenvolvidas nos treinos e quais são identificadas no momento em que a equipe realizasse uma partida oficial de futebol na sua categoria, ou seja, se o processo pedagógico exposto ao treinamento surtiu efeito durante os jogos.

Devido à especificidade de conhecimento exigida aos profissionais relacionados diretamente com o futebol, este estudo busca transmitir o maior número de informações, auxiliando as comissões técnicas nas tomadas de decisões e estratégias de seus futuros treinamentos e partidas.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização do estudo

Esse estudo possui caráter quantitativo por compreender e enfatizar o emprego das informações através da utilização dos métodos e técnicas estatísticas, desde as coletas mais simples até as mais complexas (RICHARDSON, 2007). A metodologia aplicada baseia-se no método descritivo por utilizar a observação, registro e análise de dados como instrumento para caracterizar determinado fenômeno, sem manipulá-los (THOMAS; NELSON, 2002).

2.2 Amostra

A amostra é composta por 36 sessões de treinamento e 8 jogos oficiais de futebol, realizados pela categoria sub-14 (n=38) de um clube tradicional do Rio Grande do Sul, em um campeonato a nível estadual. Em relação às sessões de treinamento, foram analisadas as variáveis pedagógicas, principalmente envolvendo os conteúdos empregados durante cada sessão. Esses treinos ocorreram durante aproximadamente 3 meses, sendo realizados 3 sessões por semana no período vespertino, com duração de 90 minutos cada. Os jogos ocorreram na primeira fase da competição, dividida em turno e retorno. As partidas tiveram um tempo de duração de 70 minutos conforme regulamento para a categoria, nas quais foram analisados determinados dados a partir da identificação via *Scout*.

2.3 Instrumento e procedimento de coleta de dados

Em relação às sessões de treinamento, os dados foram adquiridos através dos microciclos disponibilizados pela comissão técnica da categoria sub-14 do clube durante o período da competição. Essas informações foram registradas e adequadas para o futebol no *Sistema Integral para el Análisis de las Tareas de Entrenamiento* (SIATE), desenvolvido por Ibañez, Feu e Canãdas (2016). Os microciclos foram desenvolvidos pelo treinador, auxiliar técnico e preparador físico da equipe com experiência na formação de jogadores de futebol de base. Os dados originados a partir dos jogos foram coletados através da observação de vídeos disponibilizados pelo Departamento de Análise de Dados deste clube, no qual se utilizou de um modelo de *Scout* adaptado da CONMEBOL (2020), *Análisis del partido* para o registro das informações no software de análise.

2.4 Explicações das variáveis

1) Os microciclos de treinamento foram incluídos e registrados de acordo com os dados previamente definidos para a modalidade, no caso, o futebol.

DADOS CONTEXTUAIS							DADOS DA SESSÃO				VARIÁVEIS PEDAGÓGICAS				
TEMPORADA	ÂMBITO	EQUIPE	CLUBE	CATEGORIA	SEXO	IDADE JOGADORES	DIA	MESOCICLO	MICROCICLO	SESSÃO	TAREFA	SITUAÇÃO DE JOGO	FASE DO JOGO	TIPO DE CONTEÚDO	CONTEÚDO ESPECÍFICO

Quadro 1 – Adaptação do SIATE (IBÁÑEZ; FEU; CANĂDAS, 2016, p. 7).

Dados Contextuais:

- i. Temporada: Os anos em que os dados das sessões dos treinamentos foram registrados. Por exemplo, temporada 2020/2021;
- ii. Âmbito: Área em que será realizada a intervenção: esportiva, educacional ou recreativa;
- iii. Equipe: Grupo de jogadores da equipe: principal ou alternativo;
- iv. Clube: Instituição esportiva;
- v. Categoria: Classificação conforme a idade. Por exemplo, sub-14, ou seja, menores que 14 anos;
- vi. Sexo: Conforme os atletas, sexo masculino ou feminino;
- vii. Idade dos jogadores: Média de idade dos atletas.

Dados da Sessão:

- i. Dia: A data da sessão do treinamento;
- ii. Mesociclo: Mês em que a sessão foi realizada;
- iii. Microciclo: Número de semanas dos treinos;
- iv. Sessão: Número de treinamentos desenvolvidos;
- v. Tarefa: Número de atividades dentro de uma única sessão.

Variáveis Pedagógicas:

- i. Situação de Jogo: Número de jogadores para determinada tarefa. Por exemplo, 1x1, 2x1, 3x2, até 11x11;
- ii. Fase do Jogo: Momento do jogo em que a equipe está situada. Como, em organização ofensiva ou defensiva, as transições e a bola parada;
- iii. Tipo de Conteúdo: Desenvolvimento das atividades, referente aos conteúdos individuais, grupais ou de equipe da parte técnica e tática. Além dos agrupamentos direcionados a parte física;
- iv. Conteúdo Específico: Caracterização da modalidade, os princípios estruturais e operacionais da equipe na parte tática, os gestos técnicos e as condicionantes físicas.

2) No modelo de *Scout* utilizado, a observação de todas as partidas constou com o registro dos seguintes parâmetros:

- a) Posse de bola: Capacidade de uma equipe em reter a bola, controlando as ações durante a partida (LAGO, 2007). Características observadas: percentual de retenção da bola;
- b) Passes: “A realização de um passe se dá quando um atleta, com posse de bola, passa essa bola a um companheiro da mesma equipe, por diferentes situações da partida” (FERREIRA, 2000). Características observadas: passes certos (completo, de jogador para jogador da mesma equipe) ou errados (incompleto, sem destino a um jogador da mesma equipe);
- c) Cruzamentos: “Passe longo efetuado por sobre os adversários, para qualquer companheiro de equipe que se encontre nas imediações do campo considerada como grande área” (BANKOFF *et al.*, 2005). Características observadas: cruzamentos certos (completo, se houve finalização ou domínio do jogador receptor) ou errados (incompleto, sem destino ou sem domínio do jogador receptor);
- d) Escanteios: Um modo para recomeçar o jogo, e deve ser realizado pela equipe que ataca a partir do momento em que a bola sair completamente do campo pela linha de fundo, tendo sido tocada por último por um jogador da equipe adversária (DRUBSCKY, 2014). Características observadas: escanteios cedidos pela equipe adversária;

- e) Faltas: Lance, no qual determinada irregularidade é apontada pelo árbitro. Pode ser tiro livre direto ou indireto. A infração pode ser cometida de forma proposital ou não pelo jogador (DRUBSCKY, 2014). Características observadas: infrações cometidas ou sofridas conforme a regra;
- f) Pênaltis: Concedido caso algum jogador cometa alguma falta dentro da pequena ou grande área (DRUBSCKY, 2014). Características observadas: infrações cometidas ou sofridas conforme a regra;
- g) Impedimentos: “Caso um jogador se encontrar mais próximo da linha de meta adversária do que a bola e o penúltimo adversário, ele estará em caráter de impedimento” (CBF, 2021. p. 95). Características observadas: posição irregular dos jogadores da equipe conforme a regra;
- h) Cartões Amarelos e Vermelhos: Respectivamente, advertência e expulsão do jogador (CBF, 2021). Características observadas: advertências sofridas pelos atletas da equipe;
- i) Desarmes: “Forma de interrupção direta da progressão da jogada do adversário quando a bola está de posse do jogador adversário, em condução ou drible” (LEITÃO, 2004). Características observadas: quantidade dessas ações completas durante o jogo;
- j) Intercepções: “Forma de interrupção direta de passes, cruzamentos e/ou lançamentos da equipe adversária” (LEITÃO, 2004). Características observadas: quantidade dessas ações completas durante o jogo;
- k) Assistências: Último passe antes de uma finalização para o gol (ANDRADE *et al.*, 2015). Características observadas: número de passes completos para a realização do gol;
- l) Finalizações: “Qualquer forma legal de se tocar a bola em direção ao gol adversário” (BANKOFF *et al.*, 2005). Características observadas (equipe e adversário): resultado (gol, pra fora, trave ou defendida), zona de conclusão (fora da área ou na área), detalhamento da conclusão (cabeça, pé direito ou esquerdo);
- m) Gols marcados e sofridos: ultrapassagem da bola completa pelas traves. Características observadas: intervalo de tempo (0 a 11, 12 a 23, 24 a 35, 35 a 46, 47 a 58 e 59 a 70 minutos), fase do jogo (bola rolando ou bola parada), detalhamento da conclusão (cabeça, pé direito ou esquerdo), zona de conclusão (fora da área ou na área), lado de construção da

jogada (esquerdo, direito ou centro do campo), construção da jogada (troca de passes, escanteio, lançamento, cruzamento, pressão na saída de bola, contra-ataque, pênalti, falta ou contra) e detalhamento da falha no gol sofrido (marcação, goleiro, disputa aérea, cobertura, concentração, erro de passe ou contra).

2.5 Análise dos dados

Os dados foram tabulados em planilhas ad hoc do software *Microsoft Office Excel* e analisados de forma descritiva pelo software *SPSS* versão 25.

3 RESULTADOS

A partir de uma análise dos treinamentos, contempladas por 36 sessões e fundamentadas pelas variáveis pedagógicas do SIATE, verificamos que em relação ao critério da situação de jogo, utilizou-se em sua maioria das vezes o confronto 5X5 (23,3%), conforme a tabela 1. Esses exercícios eram realizados no último terço do campo, no qual envolveram trocas de posições, passes entre os jogadores até culminarem no momento da finalização. Na condição dos confrontos de 8X4 (14,8%), 8X6 (14,5%) e 8X8 (11,8%), o propósito das atividades foi à manutenção da posse da bola, com ênfase na parte de organização ofensiva da equipe, ou seja, nas movimentações específicas de cada jogador. Combinando as situações de 3x3 (6,6%) e 5X3 (6,6%), o intuito era que os atletas criassem soluções rápidas para realizarem o gol, sendo direcionados a progredir através de lances de 1X1 dentro do espaço de jogo. Com as mesmas porcentagens dos exercícios anteriores, porém com finalidades completamente diferentes, os confrontos de 11X10 (6,6%) e 11X11 (6,6%), caracterizaram o jogo formal, recriando as situações trabalhadas nos campos reduzidos, porém com a área total de jogo.

Tabela 1 – Frequência das variáveis pedagógicas, situações de jogo.

Situação de Jogo	Frequência	Percentual	Percentual Válido
5X5	72	13,7	23,7
8X4	45	8,6	14,8
8X6	44	8,4	14,5
8X8	36	6,8	11,8
3X3	20	3,8	6,6
5X3	20	3,8	6,6
11X10	20	3,8	6,6
11X11	20	3,8	6,6

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Ao longo das sessões, a fase do jogo de maior manifestação, concentrou-se nas situações de organização ofensiva (49%), descrito na tabela 2. Nos treinos que envolviam contato com a bola, essas ações foram unânimes, sendo desenvolvidas, em pelo menos um período de cada sessão. Completando as duas principais fases

de uma partida de futebol, com 35,9%, a organização defensiva esteve presente nos exercícios produzidos pela comissão técnica. Pelos aspectos apresentados pela equipe e por conta do processo que estava se iniciando, as transições (2%), ofensivas e defensivas, contribuíram em poucos momentos dos microciclos. Ao longo de cada semana e, principalmente, em períodos que antecediam as partidas, as atividades eram centralizadas em ações voltadas para as bolas paradas (6,6%). Por ser um momento específico do jogo que costuma definir os resultados finais.

Tabela 2 – Frequência das variáveis pedagógicas, fases do jogo.

Fases do Jogo	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Organização ofensiva	149	28,3	49,0
Organização defensiva	109	20,7	35,9
Bolas paradas	20	3,8	6,6
Transições	6	1,1	2,0

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

O tipo de conteúdo construído durante as sessões variou conforme a proposta do treino e o número de atletas condicionados para tais tarefas. Referenciado na tabela 3, os comportamentos táticos e técnicos da equipe de ataque (32,3%), corroboraram de acordo com a principal fase do jogo observada, isto é, a organização ofensiva. Opondo-se, os aspectos defensivos da equipe e do grupo (até 4 jogadores), respectivamente, 19,1% e 11,4%, complementam-se através das atividades de confronto que foram propostas. Outro conteúdo desenvolvido com frequência durante os treinamentos foi em relação à preparação física (10,5%), assim envolvendo todas as características de uma equipe de nível competitivo.

Tabela 3 – Frequência das variáveis pedagógicas, tipo de conteúdo.

Tipo de Conteúdo	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Comportamentos e gestos tático-técnicos da equipe de ataque	139	26,4	32,3
Comportamentos e gestos tático-técnicos da equipe de defesa	82	15,6	19,1
Comportamentos e gestos tático-técnicos do grupo de defesa	49	9,3	11,4
Conteúdo da preparação física	45	8,6	10,5

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Os conteúdos específicos, mencionados nas tabelas 4, 5, 6, 7 e 8 nortearam o processo de treinamento, com o objetivo de preparar a equipe para suas futuras partidas. O desenvolvimento das sessões visou contemplar, principalmente, as partes táticas, técnicas e físicas, de acordo com o período e nível organizacional da categoria em geral. Lembrando que as variáveis determinantes para as organizações ofensivas e defensivas foram conceituadas a partir dos “Princípios Táticos do Jogo de Futebol” produzidos por Teoldo, Garganta e Oliveira (2015).

Nos exercícios propostos pelo preparador físico da equipe, prevaleceram os movimentos articulares (7,7%), realizados em grande parte no início dos treinos, e que eram complementados com os exercícios de flexibilidade (3,7%), de acordo com os critérios previamente estabelecidos para cada sessão. As atividades que envolviam coordenação (2,6%) e agilidade (2,6%) foram utilizadas para intensificar o aquecimento e explorar algumas capacidades do grupo de atletas. A valência envolvendo força explosiva (1,9%), popularmente, chamado de potência, esteve consideravelmente presente nos treinos, pois é a capacidade do sistema neuromuscular em alcançar altos níveis de força no menor tempo possível (PLATONOV, 2008), sendo utilizadas principalmente, nos *sprints*, ou seja, nas corridas de alta velocidade.

Tabela 4 – Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte física).

Conteúdos específicos (parte física)	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Movimentos articulares	33	6,3	7,7
Flexibilidade	16	3,0	3,7
Coordenação	11	2,1	2,6
Agilidade	11	2,1	2,6
Força explosiva	8	1,5	1,9

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Analisando os princípios táticos, os conteúdos específicos mais desenvolvidos em relação aos aspectos ofensivos foram à conservação da posse da bola (4%), principalmente, em espaços reduzidos. Nas quais, estimularam situações de jogo apoiado (4%), ou seja, as tais triangulações que buscam a manutenção da bola. Outra informação captada nos treinamentos foi à criação de ações que rompessem a organização defensiva adversária, sendo assim, a criação de linhas de passe em profundidade, definida como mobilidade (3,7%). Corroborando para os mesmos objetivos da equipe, a noção de espaço (3,7%), esteve presente nas sessões para ampliar e expandir o posicionamento dos adversários, facilitando assim, o ataque efetivo da equipe. Para a sistematização do processo, as variáveis que encerram a fase de ataque, como, criar situações de finalização e finalizar efetivamente a baliza adversária tiveram a mesma frequência de 2,8% durante o período de treinamento.

Tabela 5 – Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte tática de organização ofensiva).

Conteúdos específicos (organização ofensiva)	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Conservar a bola	17	3,2	4,0
Apoio (triangulações)	17	3,2	4,0
Mobilidade	16	3,0	3,7
Espaço	16	3,0	3,7
Criar situações de finalização	12	2,3	2,8
Finalizar a baliza adversária	12	2,3	2,8

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Explorando os princípios táticos baseados em aspectos defensivos, observamos que a contenção (4%), consiste em diminuir o espaço de ação ofensiva do portador da bola. E por consequência, as ações vinculadas ao ato de recuperar a bola (3%), estavam expostas na grande maioria das atividades que envolviam as variáveis defensivas. O objetivo em reduzir o espaço de jogo adversário (2,6%), em amplitude e profundidade foi outra valência proposta pelo treinador. Com a mesma frequência as ações de anular situações de finalização (2,6%) e proteger a baliza (2,6%), foram utilizadas como oposição aos momentos de ataque adversário para evitar o gol. Complementando as ações de contenção e recuperação, a pressão ao portador da bola (2,3%) em todos os setores do campo, foi desenvolvida conforme os princípios específicos organizados pela comissão técnica.

Tabela 6 - Frequência das variáveis pedagógicas, conteúdos específicos (parte tática de organização defensiva).

Conteúdos específicos (organização defensiva)	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Contenção	17	3,2	4,0
Recuperar a bola	13	2,5	3,0
Reduzir espaço de jogo adversário	11	2,1	2,6
Proteger a baliza	11	2,1	2,6
Anular situações de finalização	11	2,1	2,6
Pressão ao portador da bola	10	1,9	2,3

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Nas sessões que priorizaram os lances de bola parada, as ações ocorreram em momentos à parte, no final dos treinos ou em situações envolvendo o treino tático no campo inteiro. Através de jogadas ensaiadas e posicionamentos específicos dos jogadores, os escanteios (2,3%), ofensivos e defensivos tiveram maior ênfase. Com o objetivo de treinar um aspecto importantíssimo do jogo, as faltas ocorridas próximas às áreas de ataque e defesa, foram treinadas na mesma proporção de 0,9%. E em poucas oportunidades foram trabalhadas as situações de pênalti (0,5%), por conta do tempo disponível.

Tabela 7 – Frequência das variáveis pedagógicas, bolas paradas.

Bolas paradas	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Escanteios	10	1,9	2,3
Faltas defensivas	4	0,8	0,9
Faltas ofensivas	4	0,8	0,9
Pênaltis	2	0,4	0,5

OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Os treinos analíticos ocorreram em 7 sessões, principalmente, para complementar o aquecimento. O passe, domínio e condução, com uma frequência de 1,6%, foram centrados no aperfeiçoamento de alguns gestos motores e técnicos. Já a finalização foi trabalhada no final dos treinos, direcionada aos atacantes da equipe.

Tabela 8 - Frequência das variáveis pedagógicas, treino analítico.

Treino analítico	Frequência	Percentual	Percentual Válido
Técnico analítico	7	1,3	1,6
Passe	7	1,3	1,6
Domínio	7	1,3	1,6
Condução	6	1,1	1,4
Finalização	2	0,4	0,5

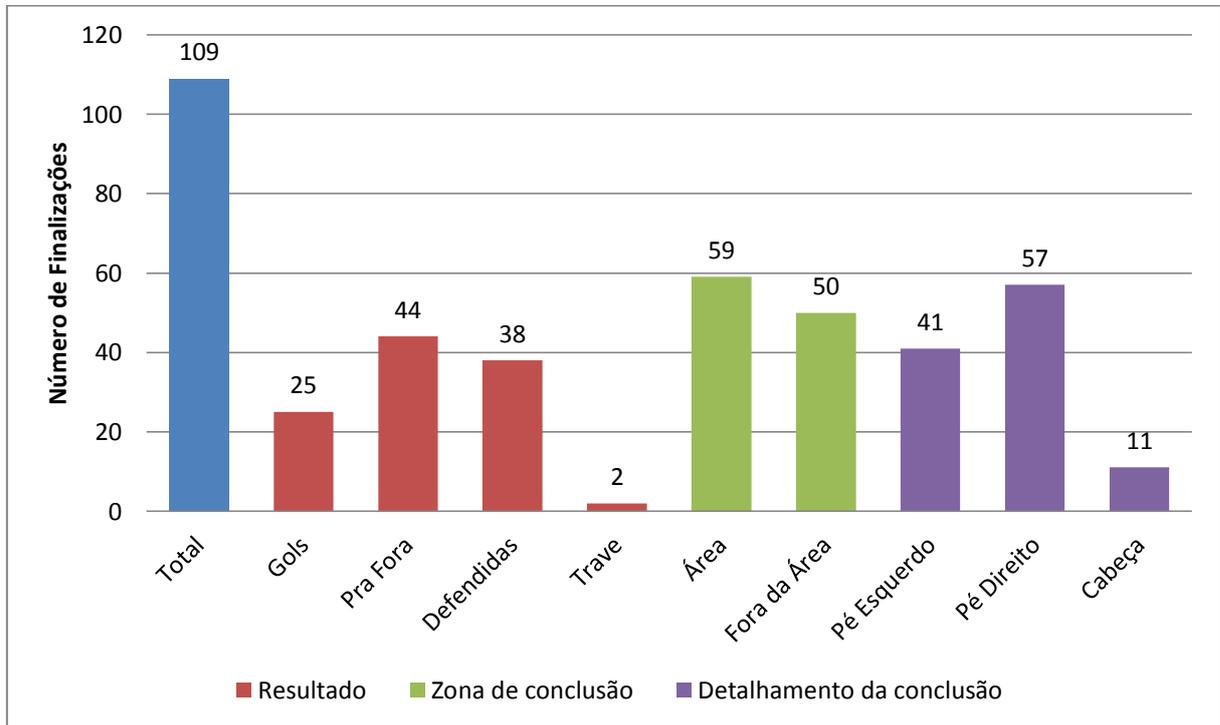
OBS: variáveis com frequência de ocorrência inferior não estão explicitadas na tabela.

Com base no modelo de *Scout* utilizado, a observação de todas as oito partidas disputadas, apresentou o registro dos seguintes parâmetros: a equipe venceu sete jogos e perdeu apenas um, com um aproveitamento de 87,5% durante o período. O índice de posse de bola durante os jogos manteve-se com uma média de 52,92% em relação à equipe adversária. A maior diferença de posse a favor foi de 58,71% a 41,29%. Apenas em duas partidas este grupo teve menos posse, sendo uma delas na única derrota, na qual foi a maior diferença a favor do adversário, de 45,89% a 54,11%. Ao total durante as oito partidas, foram trocados 1879 passes, com uma média de 235 passes por jogo. O nível de assertividade desses passes foi de 78,92%. Na partida em que a equipe foi derrotada, o número de passes trocados foi o menor com um percentual, aproximadamente, de 44% abaixo da média.

No que se refere às finalizações, a equipe obteve uma média de 13,63 por jogo, sendo 8,13 delas certas, ou seja, na direção da baliza. Precisou-se de um total de 4,36 finalizações para a equipe realizar cada gol. Conforme o gráfico 1, das 109 finalizações, 25 tornaram-se gol, 44 foram para fora, 38 foram defendidas e 2 carimbaram a trave. No total das finalizações, 59 foram dentro da área e 50 fora da área adversária. A equipe, por ter uma prevalência de jogadores destros, confirmou

o esperado, pois 57 dos chutes foram com pé direito e 41 com o pé esquerdo. Além das 11 realizadas a partir do gesto técnico com a cabeça.

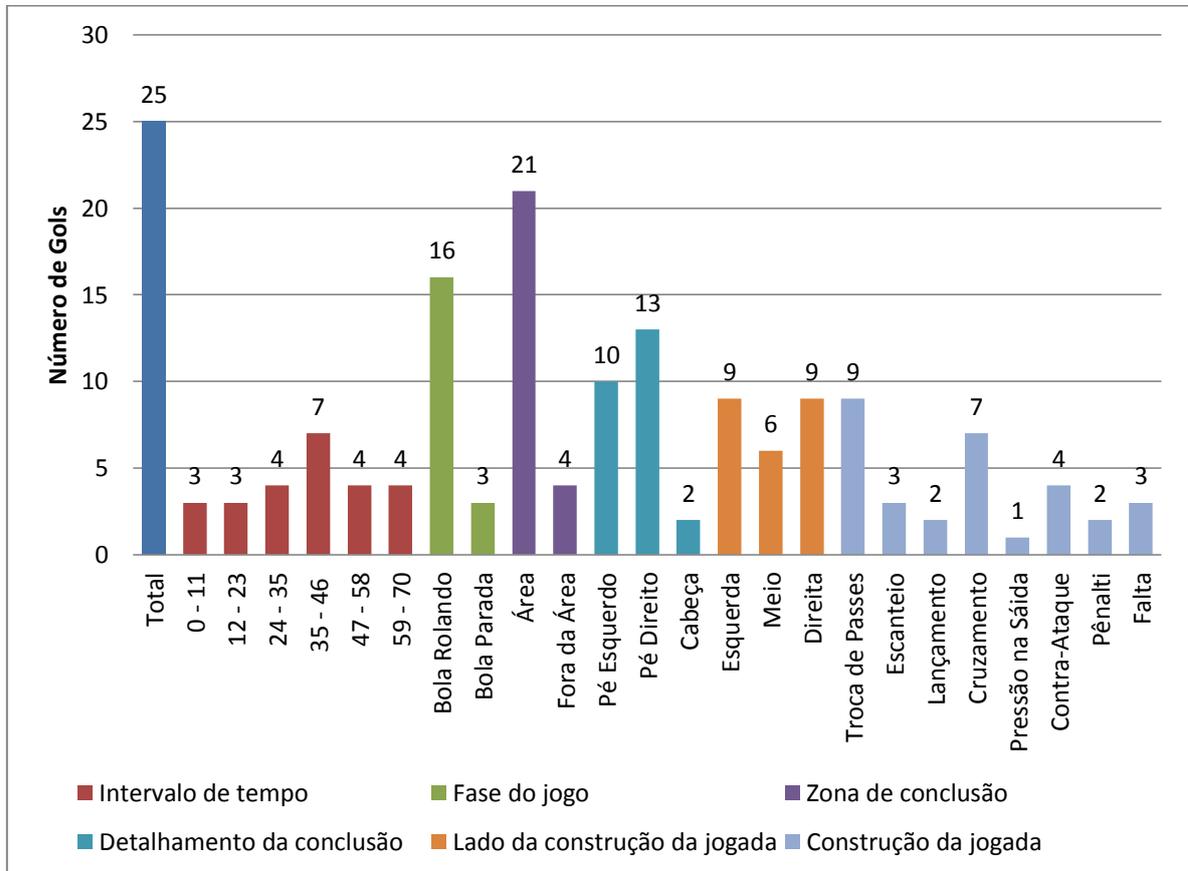
Gráfico 1 – Resultados das finalizações.



A respeito dos gols marcados, como podemos ver no gráfico 2, ocorreram em 10 vezes (40%) na primeira metade do jogo e o restante dos 15 (60%) na segunda etapa. Um fato curioso é que 28% dos gols ocorreram na volta do intervalo, sendo nos primeiros 10 minutos do segundo tempo. Quanto à fase do jogo, esses gols foram oriundos em 16 vezes, por meio de bola rolando e as outras 3 a partir de lances de bola parada. A zona de conclusão que mais gerou gol foi dentro da área, em 21 momentos, e o restante dos 4 fora dela. O setor do campo em que a jogada do gol foi construída distribuiu-se na mesma proporção, em 9 vezes, pelo lado direito e esquerdo, e em 6 pelo centro do campo. Assim, expondo uma variação e equilíbrio entre as oportunidades criadas pela equipe. A conclusão e finalização das jogadas em 15 vezes foram realizadas com o pé direito, 10 com o pé esquerdo e apenas 2 de cabeça, apesar dos gols saírem mais de dentro da área. Observando a construção e origem das jogadas, o aspectos que mais geraram gols foram às trocas de passes em 9 vezes, os cruzamentos em 7, contra-ataques em 4, escanteios e faltas cada um em 3, penalidades e lançamentos em 2, e por último, a pressão na

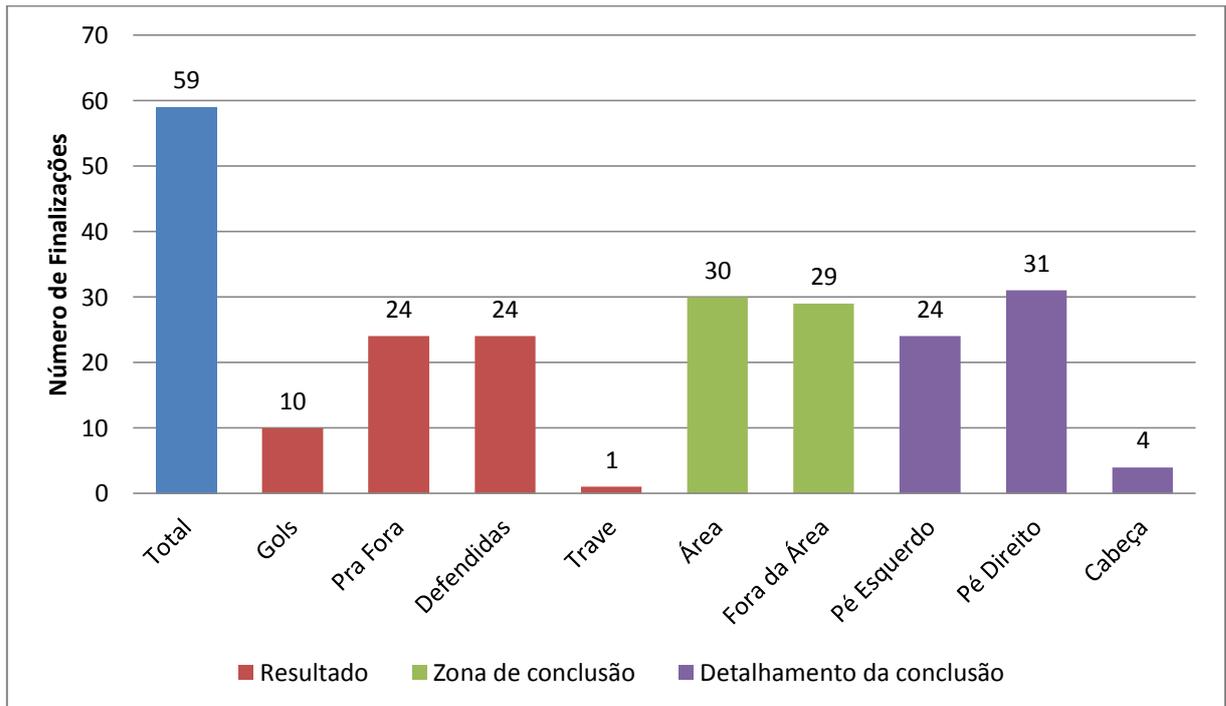
saída de bola em 1 vez. Somaram-se ao longo das partidas 11 assistências dos 25 gols marcados, portanto, mais da metade dos gols surgiram de jogadas individuais.

Gráfico 2 – Gols marcados.



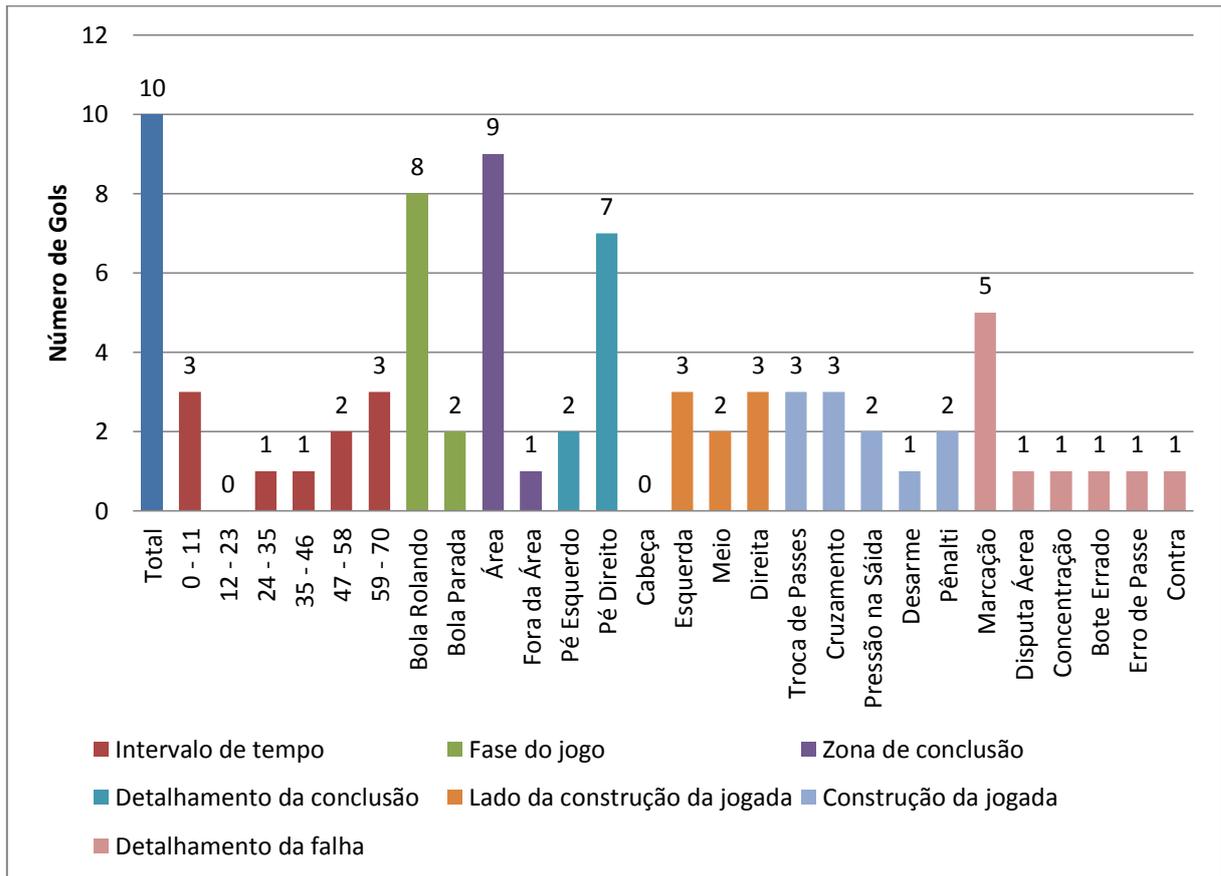
De acordo com o gráfico 3, das 59 finalizações sofridas, 10 tornaram-se gol, 24 foram defendidas e 24 foram pra fora, com apenas 1 batendo na trave. A equipe sofreu, na média, 7,38 finalizações por jogo, sendo 4,38 certas, ou seja, na direção da baliza. A cada 5,9 finalizações do adversário, a equipe sofria um gol. Na única derrota da equipe, a mesma sofreu o recorde de finalizações, acumulando 19 em toda a partida. O local de origem das finalizações sofridas dentro e fora da área, respectivamente, em 30 e 29 oportunidades, mostrou um equilíbrio no setor defensivo, por conta da proximidade dos resultados. No total, os jogadores adversários finalizaram 31 vezes com a perna direita, 24 com a esquerda e 4 de cabeça.

Gráfico 3 – Resultados das finalizações sofridas.



O gráfico 4 mostra que dos 10 gols marcados pela equipe adversária, 4 ocorreram no primeiro tempo de jogo e, portanto, os outros 6 no segundo tempo. Um fato curioso é que 30% dos gols ocorreram nos 10 primeiros minutos de jogo ou nos 10 minutos finais, mostrando uma possível falta de concentração dos jogadores. A respeito da fase do jogo, os gols foram originados em 2 vezes de lances de bola parada e 8 de bola rolando. A zona de conclusão que gerou o gol em 9 vezes foi dentro da área da equipe, e por consequência, a outra única fora dela. O setor em que a jogada do gol foi construída distribuiu-se nas mesmas proporções pelos lados do campo, em 6 vezes delas pela direita e pela esquerda, sendo o restante das 2 na faixa central do campo. Assim, mostrando mais uma vez o equilíbrio no setor defensivo. Considerando a construção e origem das jogadas, os aspectos que mais geraram gols foram às trocas de passes e cruzamentos, ambas em 3 vezes, em 2 vezes a partir da pressão na saída de bola e de pênaltis, e uma através de um desarme próximo da área. A conclusão dos gols em 7 vezes foi de pé direito, 2 de pé esquerdo e nenhuma de cabeça. O detalhamento da falha da equipe nesses gols sofridos ocorreu em 5 vezes em virtude da falha de marcação, e em uma em cada um dos seguintes aspectos: disputa aérea; concentração; bote errado; erro de passe; gol contra.

Gráfico 4 – Gols sofridos.



Direcionado ao aspecto ofensivo, o número de cruzamentos realizados totalizou 123 ações durante todas as partidas, contendo um nível de acerto de 40,65%. Em dois jogos, o número de cruzamentos esteve bem acima da média, que foi de 15,38. Estas partidas por acaso foram contra a mesma equipe, na qual se originou um gol em cada jogo a partir de cruzamentos, mostrando o planejamento das estratégias para cada adversário. Em uma dessas partidas foi em que a equipe teve o maior número de escanteios, 11 no total, superando a média de 3,38 por jogo. Na partida em que a equipe cruzou menos bolas na área foi a que fez o maior número de gols através deste tipo de construção, assim dos 9 cruzamentos, 7 foram errados e 2 certos, destes resultando os gols.

Duas variáveis que podem determinar alguns jogos através de sua efetividade são os desarmes e as interceptações, respectivamente, identificando a retoma da posse da bola ou a retirada da bola, principalmente do setor defensivo e da zona do meio campo. A equipe teve uma média de 17,5 desarmes e 53 interceptações por jogo, esses números independente da partida, mantiveram-se regulares durante

todos os jogos. A consequência do gesto motor em um desarme ou interceptação errada resultará na maioria das vezes em situações de falta. Com isso, a equipe durante os jogos cometeu uma média de 10,75 faltas, sendo o maior número delas na única derrota, expondo o desequilíbrio entre os setores. E o menor número de faltas cometidas foi na partida em que a equipe teve o maior número de posse de bola. As faltas sofridas tiveram uma média de 12,38 por jogo. No total foram 2 pênaltis cometidos e 2 sofridos. Além da média de 1,63 impedimentos por jogo da equipe.

Vinculado ao quesito disciplinar do time, em 8 jogos, 18 cartões amarelos foram aplicados e apenas 1 vermelho, com uma média de 2,38 cartões por disputa. A partida em que a equipe tomou mais cartões foi no clássico disputado, principalmente, por conta da rivalidade e importância do jogo. Em apenas um jogo a equipe não recebeu nenhum cartão.

4 DISCUSSÃO

O presente estudo teve o objetivo de analisar quais as variáveis pedagógicas desenvolvidas nos treinos seriam replicadas, no momento, em que a mesma equipe realizasse uma partida oficial de futebol na categoria sub 14. Diante disso, as análises serão feitas a partir das situações mais produzidas durante as sessões de treinamento para que haja correlação com os momentos dos jogos, os quais são divididas por Praça e Greco (2020), em organização ofensiva e defensiva e transições ataque-defesa e defesa-ataque. Além dos lances de bola parada nos aspectos ofensivos e defensivos.

Observando os momentos do jogo, o mais trabalhado foi a variável de organização ofensiva com 49% do tempo total do treinamento. Na qual, segundo Machado (2008), “caracteriza-se pelos comportamentos assumidos pela equipe em posse de bola, com o propósito de preparar e criar situações para marcar o gol”. Os tipos de conteúdo que compuseram essa fase nos treinos, através dos comportamentos e gestos tático-técnicos da equipe de ataque, além dos princípios operacionais e estruturais de conservação da posse de bola, fruto das triangulações e criação de espaço no campo, corroboram com alguns dados das partidas. Visto que, dos 8 jogos realizados, em 6 a equipe teve mais posse de bola que o adversário, além do alto número de assertividade dos passes (79%). Um exemplo, do alto número de acertos de passes é a equipe do Flamengo, atual campeão brasileiro, que teve uma assertividade de 86,4% dos passes durante suas partidas no Campeonato Brasileiro, temporada 2020/2021, conforme o SofaScore (2021). Os treinos analíticos realizados em 1,6% das vezes, também contribuíram para os acertos dos passes. As variáveis de mobilidade, criação de situações de finalização e a própria finalização na baliza adversária, provavelmente, auxiliaram nos 25 gols marcados e no número de 13,63 finalizações por jogo, sendo 8,13 delas corretas, ou seja, na direção do gol. Completando essa fase do jogo, 23% dos gols foram originados a partir de cruzamentos, ou seja, possível reflexo das ações trabalhadas nas situações de jogo, envolvendo o confronto de 5x5 no último terço do campo.

Em relação à organização defensiva, segundo momento do jogo mais treinado, em 39% do tempo total, na qual “caracteriza-se pelo comportamento da equipe sem a posse da bola, em que procura evitar que a equipe adversária

prepare, crie e concretize suas situações de gol, e tentar a recuperação da sua posse” (MACHADO, 2008). As variáveis que fazem parte dos comportamentos e gestos tático-técnicos da equipe de defesa, atreladas aos princípios desenvolvidos nas ações de contenção (marcação ao portador da bola), estímulo para a redução de espaço de jogo adversário, recuperação da bola e pressão ao portador, podem ter potencializado os 17,5 desarmes realizados por jogo, além das 53 intercepções durante cada partida. Esses procedimentos e ações de recuperação possivelmente dificultaram a manutenção da posse de bola adversária. Os conteúdos específicos de proteger a baliza e anular as situações de finalização adversária contribuíram para apenas os 10 gols sofridos e as 7,38 finalizações que acertaram o gol da equipe durante os jogos, números muito inferiores aos produzidos pela própria equipe nos momentos em que atacava.

As bolas paradas (pênaltis, faltas e escanteios) trabalhadas em 6% do tempo total dos treinamentos colaboraram para 36% dos gols da equipe. Por outro lado, em 22% dos gols sofridos também tiveram origem desses lances, mas a equipe mesmo assim foi mais efetiva do que os adversários. Sustentando a importância desses lances, em uma análise recente da FIFA (2018), verificou-se que do total dos 169 gols marcados na Copa do Mundo da Rússia, 72 (42%) foram oriundos de lances de bola parada. Especificando os treinamentos com os gols das partidas, os escanteios tiveram presentes em 2,3% dos conteúdos específicos nos treinos. A favor da equipe originaram-se 10% dos gols a partir dessa variável e não foi sofrido nenhum gol. As faltas ofensivas e defensivas treinadas em 0,9% das vezes, também originaram 10% dos gols, sem sofrer nenhum do adversário. Por fim, nos pênaltis, treinados em 0,5% das vezes, a equipe fez 6% dos seus gols, já a equipe adversária, 18% deles.

Finalizando os momentos do jogo, as transições, caracterizadas pela mudança de atitude após a perda ou ganho da bola (MACHADO, 2008), foram pouco trabalhadas, em apenas 2% do tempo dos treinos, como já citado, em virtude do processo criado pela comissão técnica. Apesar disso, na fase ofensiva, por conta dos contra-ataques, originaram-se 13% dos gols e não foram sofridos nenhum desta forma.

5 CONCLUSÃO

Os resultados encontrados mostram que as variáveis mais treinadas durante o período estabelecido podem ter refletido, principalmente, nas duas fases organizacionais do jogo, dentre elas, a ofensiva e a defensiva. Através do volume de jogo imposto pela equipe sobre o adversário na maioria dos jogos, tanto em porcentagem de posse de bola, quanto pela criação de situações que objetivaram a finalização efetiva a baliza adversária, além da solidez da defesa que se sobressaiu em relação às outras equipes, ao analisarmos os mesmos parâmetros via *Scout*. Outro aspecto concretizado durante a aplicação dos treinos e estabelecido ao longo das partidas foram as variáveis relacionadas à bola parada ofensiva e defensiva. Mais uma vez a equipe teve um aproveitamento melhor em relação ao adversário, possibilitando vantagem neste recurso primordial do jogo. Portanto, o processo pedagógico aplicado às características da equipe, por meio dos conteúdos e variáveis pré-estabelecidas, permearam os elementos que definiram, com sucesso, as partidas oficiais disputadas pelo grupo. Por fim, os resultados apresentados podem auxiliar as comissões técnicas na elaboração de planos pedagógicos que identificam a eficácia de seus treinamentos, contemplando as partidas realizadas pela mesma.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. T., SANTO, L. C. E., ANDRADE, A. G. P., OLIVEIRA, G. G. A. (2015). Análise dos gols do Campeonato Brasileiro de 2008 - Série A. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Minas Gerais, v. 37, n. 1, p. 49-55, jan./mar. 2015.
- BANKOFF, A., GUIMARÃES, P., SCHIMIDT, A., ZAMAI, C. Habilidades específicas do futebol: uma análise quantitativa da performance das principais habilidades em jogadores profissionais. **Revista Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 5, n. 6, jan./jun. 2005.
- BARA FILHO, M., MATTA, M., SCHIMITZ, D., MILOSKI, B. Quantificação da carga de diferentes tipos de treinamento no futebol. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 2, n. 22, p. 239-246, 2011.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Editora Dinalivros, 1994.
- BOMPA, T. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2002.
- BORIN J. P, GONÇALVES A., PADOVANI C. R., ARAGON F. F. Variabilidade da intensidade de esforço nas três posições do basquetebol: ensaio quantitativo em nosso meio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 20, n. 2/3, p. 119-125, abr./set. 1999.
- BORIN, J. P., PRESTES, J., MOURA, N. A. Caracterização, Controle e Avaliação: Limitações e Possibilidades no Âmbito do Treinamento Desportivo. **Revista Treinamento Desportivo**, Piracicaba, SP, v. 8, n. 1, p. 6-11, 2007.
- CARLING, C., BLOOMFIELD, J., NELSEN, L., REILLY, T. The role of motion analysis in elite soccer: Contemporary performance measurement techniques and work rate data. **Sports Medicine**, v. 10, n. 38, p. 839-862, 2005.
- CARRAVETTA, E. **Jogando com os pés, treinando com a cabeça: gestão no futebol**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2017.
- CASTELO, J. **Futebol - Organização dinâmica do jogo**. 3. ed. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2009.

Confederação Brasileira de Futebol (CBF). **Regras de Futebol**. Autorizadas pela International Football Association Board. 2021/2022. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202110/20211005110112_949.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

CUNHA, S. A., BINOTTO, M. R., BARROS, R. L. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 2, n. 15, jul./ dez. 2001.

DAVIDS, K., BUTTON, C., BENNET, S. J. **Dynamics of skill acquisition: A constraints-led approach**. United States, Campaign, Il: Human Kinetics, 2008.

DRUBSCKY, R. **Universo tático do futebol – Escola Brasileira**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Health, 2014.

CONMEBOL. **Estadísticas del partido**. 2020. Disponível em: <https://www.conmebol.com/analisis-del-partido>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.

FERREIRA, E. N. **Estudo do condicionamento físico e das ações técnicas de atacantes em partidas de futebol**. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

FIFA. **Technical Report of 2018 FIFA World Cup Russia**. 2018. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/649e84967b086928/original/evdvpfdkueqrldlbrus-pdf.pdf>. Acesso: 13 mar. 2021.

FREIRE, J.B. **Pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf, 1998.

GARGANTA, J. **Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto, Portugal, 1997.

GARGANTA, J., PINTO, J. O ensino do futebol. *In*: GRAÇA, A., OLIVEIRA J. (Ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Rainho & Neves Lda, 1994. p. 95- 136.

GARGANTA, J. A análise da performance nos jogos desportivos: revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001.

GARGANTA, J. Ideias e competências para “pilotar” o jogo de Futebol. *In: Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Ed.). Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 313-326.

GARGANTA, J., GUILHERME, J., BARREIRA, D., BRITO, J. & REBELO, A. Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. *In: TAVARES, F. (Ed.). Jogos Desportivos Coletivos: Ensinar a jogar*. Porto: Editora FADEUP, 2013. p. 199-263.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: Aplicação no handebol**. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional) - Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Campinas, 1995.

GUIMARAES, M. B., PAOLI, P. B. O treinamento técnico por posição no futebol: as especificidades na percepção dos técnicos de categorias de base do futebol mineiro. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 1, n. 4, p. 44-53, jan./jul. 2011.

IBÁÑEZ, S. J., FEU, S., CAÑADAS, M. Sistema integral para el análisis de las tareas de entrenamiento, siate, en deportes de invasión. **Revista de Ciencias del Deporte**, v. 12, n. 1, p. 3-30, 2016.

LAGO, C. Are winners different from losers? Performance and chance in the FIFA World Cup Germany 2006. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 7, n. 2, p. 36-47, 2007.

LEITÃO, R. A. Futebol: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo. **Revista Conexões Educação Física, Esporte e Saúde**. Campinas, SP, v. 2, n. 2, p. 110, 2004.

MACEDO, P., LEITE, M. Scout como um instrumento avaliativo do treinamento esportivo nas categorias de base do futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./jun. 2009.

MACHADO, R. **Mobilidade ofensiva no futebol: A concepção de treinadores de nacional de juniores**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física em Licenciatura) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto, Portugal.

MOREIRA, R. L., LOBATO, P. L. O scout técnico e a análise de uma equipe de futebol: os números da campanha do Vasco da Gama no Brasileiro de 2011. **Universidade do Futebol**, 2013. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2013/05/30/o-scout-tecnico-e-a-analise-de-uma-equipe-de-futebol-os-numeros-da-campanha-do-vasco-no-brasileiro-2011/>. Acesso em: 16 set. 2021.

MOUTINHO, C. A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos coletivos: O exemplo do voleibol. *In*: Bento, J., Marques, A. (Ed.). **As ciências do desporto e a prática desportiva**. Porto: Universidade do Porto Editorial, 1991. p. 265-275.

PRAÇA, G. M., GRECO, P. J. **Treinamento tático no futebol: teoria e prática**. Curitiba: Editora APPRIS, 2020.

PLATONOV, V. **Tratado geral do treinamento desportivo**. São Paulo: Phorte, 2008.

RAMOS, S. **Habilidades motoras específicas no futebol: Um estudo comparativo entre diferentes categorias e posições**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física em Bacharel) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

SANTOS, F., CÔRTE-REAL, N., REGUEIRAS, L., DIAS, C., FONSECA, A. **O papel do treinador no desenvolvimento positivo de jovens através do desporto: do que sabemos ao que precisamos saber**. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, v. 11, n. 2, p. 289-296, 2016

SILVA, E. J. O. **Análise do jogo de futebol: características do processo de transição de defesa-ataque das sequências ofensivas com finalização**. 2007. Dissertação (Mestrado em Treino Desportivo) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Portugal.

SILVA, P. M. **A análise do jogo em Futebol. Um estudo realizado em clubes da Liga.** 2006. Dissertação (Mestrado em Treino de Alto Rendimento). – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.

SOFAScore (2021). **Flamengo: Brasileiro Série A.** Disponível em: www.sofascore.com/pt/time/futebol/flamengo/5981. Acesso em: 14 ago. 2021.

TAMARIT, X. **Que és la periodização táctica? Vivenciar el juego para condicionar el juego.** Espanha: MC Sports, 2007.

TAVARES, F. **Analisar o jogo nos esportes coletivos para melhorar a performance. Uma necessidade para o processo de treino.** In: ROSE JÚNIOR, D. (Org.). **Modalidades esportivas coletivas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. p. 60-70.

TEOLDO, I. C, GARGANTA, J., GRECO, P. J., MESQUITA, I. Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p.657-668, 2009.

TEOLDO, I. C, GARGANTA, J., OLIVEIRA, J.G. **Para um futebol pensado com ideias: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes.** Curitiba: APPRIS, 2015.

THOMAS, J. R., NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.